



## Uma vida em dissidência de gênero

*Dhan Tripodi*

Falar sobre si mesmo nunca é fácil, primeiro porque não somos educados para nos conhecer, esse conhecimento nos é negado e relegado a outras pessoas que nos dizem o que somos e como devemos nos portar, enquanto esse saber sobre si vai ficando em segundo plano, para que possa, no futuro, ser comercializado com o nome de terapia. E em segundo lugar, porque conhecimento sobre si implica em questionamento da ordem vigente e, quando estamos jovens, nosso potencial de operar mudanças é muito maior, pois ainda estamos em processo de adaptação à formatação social, porém após a norma se tornar parte estruturante de nosso ser, a dificuldade em se desconstruir é maior com toda essa programação (ou deveria dizer ideologia) estruturando nossas mentes e corpos.

Comecei fazendo essas reflexões para introduzir um pouco de minha vivência, enquanto trans homem, sim, trans homem, pois a minha existência trans vem antes de poder me denominar confortavelmente como homem, além de ter feito a escolha de não reproduzir uma masculinidade socialmente imposta através de violências, como o machismo e o cis-sexismo. Nasci em uma família relativamente religiosa, pais católicos e criados no catolicismo que, apesar de abertos a frequentar e conhecer outras religiões, o catolicismo e seus dogmas os estruturaram, assim como muitas outras famílias brasileiras daquela época.

Nasci na Bahia, em uma cidade chamada Salvador, uma das primeiras cidades dominadas e devastadas pela colonização e suas muitas mazelas ao sul do Continente Americano; morava em um bairro chamado Saúde, com minha avó, meus pais e um dos meus tios, família grande e casa sempre cheia, a conhecida família tradicional brasileira, cheia de problemas internos e preconceitos velados.

Antes de contar partes de minha infância, vou citar uma frase de Beauvoir, presente em seu livro *O Segundo Sexo*, que se encaixa bastante com o que pretendo relatar: “A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo.” Isso posto, podemos entender a diferença entre os sexos como meramente uma relação de dominação, não que não existam homens e mulheres enquanto materialidade, mas sua diferença é uma



construção social para a dominação masculina, por isso a mulher é esse diferente outro, esse ser relativo definido em relação a tudo que o homem não é.

Ao afirmar “Não se nasce mulher: torna-se”, e eu nunca me tornei, Beauvoir traz à tona vários questionamentos que me fiz durante toda a minha vida e que só recentemente pude entender e me libertar. Ninguém nasce mulher ou homem, algo tão simples e tão difícil a nós entender, enquanto seres estruturados pelo binarismo de gênero, onde a maioria de nós não consegue mais compreender qualquer premissa que vá além desse cis-tema após tantos anos infantis de formatação. Uso a palavra formatação aqui livremente para me referir aos processos de aquisição, pelas crianças, da heteronorma, ou do pensamento da diferença (pensamento straight como define Wittig), porém, não é minha pretensão universalizar o meu pensamento, apenas defini-lo em relação a minha vivência material.

Ou seja, nunca pude me tornar essa mulher que a sociedade heteronormativa e binária esperava de mim com base no meu destino genital e, por mais que eu tentasse me encaixar, sempre me sentia um ser incompleto, ou um personagem que eu não desejava performar, nunca me senti de fato uma mulher, nunca consegui, por mais que tenha passado 36 anos de minha vida na tentativa. Não me refiro aqui a estereótipos de gênero ou atribuições de masculino e feminino, porque se tem algo que acredito é que o ser humano tem em si características tão diversas que seria impossível atribuí-las a estereótipos baseados em antônimos.

Voltando a falar sobre a minha infância, cresci ouvindo minha mãe dizer que eu não devia sentir tanta raiva, que era feio uma menina expressar raiva, que eu devia me comportar como uma mocinha e que mocinhas são delicadas e gentis e que isso era tão bonito; tentei fazer o que ela dizia, não por achar certo, pois sempre fui muito questionador, e sim por receio de perder a afeição que ela me dedicava, mas sempre fracassava no intento e era repreendido severamente. Meu pai por outro lado sempre me deixou mais livre, apesar de me repreender por outros tipos de travessura, entretanto muito mais a pedido da minha mãe do que pela vontade dele.

Fui criado no catolicismo, fiz primeira comunhão e acreditava muito em alguns dogmas que me foram passados, apesar de me questionar sobre tantos outros, várias coisas da religião não se encaixavam. Ao questionar, ouvia sempre a mesma resposta afirmando que certas coisas a gente não deve questionar e que meu problema era falta de fé, afinal, quem sou eu pra entender Deus?



Desde muito cedo eu sabia que era diferente, eu não sabia o que era uma lésbica, muito menos uma pessoa trans, portanto, não poderia me definir dessa forma naquela época, mas sempre que fazia amizade com uma menina, era baseada no afeto que sentia por ela, enquanto admirava os meninos e queria ser como eles. Brincava muito com os meninos quando era mais novo, mas ao passar pelo ritual da mocinha, isso não me era mais permitido, me diziam pra tomar cuidado com os meninos, pra não deixá-los tomar liberdade comigo, acabei me afastando, tanto pela rejeição deles quanto por precaução das coisas que me diziam precisar evitar, isso me fez uma criança muito sozinha e reflexiva, já que também não era bem aceito pelas meninas, por não me identificar com as coisas que elas costumavam gostar.

Porém há de fato uma natureza feminina? Ao ler *O Segundo Sexo*, pude compreender algumas coisas sobre a existência feminina ou dita feminina, colocarei uma passagem aqui para ilustrar minha fala:

Todo mundo concorda em que há fêmeas na espécie humana; constituem hoje, como outrora, mais ou menos a metade da humanidade; e, contudo, dizem-nos que a feminilidade ‘corre perigo’; e exortam-nos: ‘Sejam mulheres, permaneçam mulheres, tornem-se mulheres’. Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade. Será esta secretada pelos ovários? Ou estará congelada no fundo de um céu platônico? (BEAUVOIR, 2016, p. 9-10)

Ou seja, nem todas as ditas “fêmeas” da espécie humana são necessariamente mulheres, cabe entender de onde vem essa essência dita feminina, seria ela uma construção em oposição à masculinidade? Existe mesmo uma “natureza” feminina e por que suas características precisam estar em oposição à masculina? A diferença entre os sexos posta dessa forma é mesmo natural ou criada para sustentar um sistema de dominação das mulheres pelos homens? Colocadas essas questões devemos lembrar que Beauvoir foi imensamente influenciada por Sartre, seu esposo, e também o influenciou para criar uma corrente conhecida como existencialismo, definido por:



O pensamento existencialista defende, em primeiro lugar, que a existência vem antes da essência. Significa que não existe uma essência humana que determine o homem, mas que ele constitui a sua essência na sua existência. Esta construção da essência se dá a partir das escolhas feitas, visto que o homem é livre. Nessa condição na qual o homem existe e sua vida é um projeto, ele terá de escolher o que quer ser e efetivar sua vontade agindo, isto é, escolhendo. (CELETI, 2016)

Entretanto, essa concepção existencialista ignora os fatores sociais que constituem o indivíduo, porque, se nós existimos antes da essência, podemos fazer qualquer escolha, entretanto sabemos que isso não é de todo verdadeiro, existe uma coerção social que tenta nos fazer retornar à norma e essas escolhas são limitadas a depender da classe, raça e sexo do indivíduo, porém elas existem e deveríamos ser livres para exercê-las segundo a nossa natureza humana.

Voltando a minha história, assim fui crescendo, me mudei da Saúde pra Brotas e me tornei um adolescente isolado, não entendia o que estava acontecendo comigo ou o porquê de não gostarem de mim na escola nova, era o menor e mais desajeitado da turma e tinha um jeito diferente, sendo rejeitado e maltratado pelos meus colegas, sofri o que hoje se costuma chamar de bullying, não havia um único dia em que eu não pensasse em acabar com a minha própria vida. Cheguei a contar o que estava acontecendo aos meus pais, que disseram que isso era normal e que eu precisava ser forte, assim fui crescendo, cada vez mais fechado e isolado em meu próprio mundo e me sentindo na obrigação de ser forte.

Aos sete anos de idade, meu pai cortou meu cabelo tipo Joãozinho e entrei em um conflito de identidade, perguntavam se eu era menino ou menina e eu não sabia responder, apenas chorava, vi minha mãe reclamar muito com o meu pai por ter cortado meu cabelo, eu não entendia o que era ser menina, mas eu precisava ser uma. Outra grande lembrança dessa época é a de achar que meu órgão genital estava errado, deformado, como se ele tivesse sido cortado; lembro de ter comentado sobre isso com a minha mãe e ela depois de olhar, disse que era absolutamente normal, mas eu fiquei



com essa sensação de anormalidade por bastante tempo, até a minha primeira relação sexual, quando percebi que poderia sentir e dar prazer com aquele órgão genital.

Admirava os heróis e queria ser como eles, derrotar o mal e me casar com a princesa, através desses delírios infantis eu conseguia me imaginar o Seiya dos Cavaleiros do Zodíaco ou o Tommy dos Power Rangers e me sentir forte para superar as adversidades. Vivenciando através das fantasias essa masculinidade que me foi castrada na infância pela impossibilidade de me dizer menino.

Na adolescência, era bastante preso pelos meus pais, que por se preocuparem com as violências do mundo não me deixavam experimentar ou conhecer as coisas por mim mesmo. Tomei gosto pela leitura por causa do meu pai, ele lia bastante, comprava coleções e me falava sobre os livros, e isso me deixava interessado em ler e conhecer aquelas histórias, foram esses livros os meus melhores companheiros nessa difícil fase de minha vida. Sempre me dei melhor com as pessoas mais velhas, não conseguia ter amizade com pessoas de minha idade nessa época, sempre acabava amigo da orientadora do Serviço de Orientação Educacional (SOE), dos professores e alunos mais velhos.

Ao chegar ao terceiro ano do ensino médio, minha escola contratou uma psicóloga pra traçar os perfis de carreira dos alunos e trabalhar nossas questões, mediante pagamento de nossos pais, então pedi a eles para participar. Essa psicóloga foi quem me ajudou a me entender um pouco melhor enquanto pessoa e a começar a sair da concha e fazer amizade com alguns dos meus colegas e me inspirou a ser como ela, eu queria ajudar outras pessoas a se conhecerem e entenderem seu potencial, para que elas não precisassem passar pelo que eu passei.

Aos dezesseis anos tomei conhecimento do que era ser lésbica, por ter uma vizinha que diziam ser, e do quanto isso era abominável e contra a natureza, por sempre ter sentido interesse e atração pelas meninas, minha mãe dizia que eu sentia isso porque desejava ter uma irmã e eu acreditava nisso.

Aos dezenove anos me peguei apaixonado pela primeira mulher, ela era uma amiga muito próxima, fazíamos coisas juntos e conversávamos bastante, aquele sentimento me incomodava, me sentia em conflito, não podia sentir aquilo por uma mulher, mas aquela impossibilidade me inquietava, como eu posso sentir algo por alguém que não é natural, se eu sou a natureza e eu sinto? Existe um natural separado do social?



Ao conversar com uma amiga por carta, relatei o que me acontecia e ela me aconselhou a vivenciar as coisas que sentia, pois só poderia confirmar aquilo vivenciando e que a vida era muito curta pra desperdiçar imaginando como seria e não concretizar. Fiz o que ela falou, fiquei com uma mulher, e aquilo pareceu tão errado e tão certo que eu já não sabia dizer o que era um ou outro, e aquilo nem mais importava. Acreditando ser lésbica, contei aos meus pais, não achei que aquilo seria encarado com naturalidade, mas nem de longe imaginava o que estava por vir.

Minha mãe foi a pessoa que pior lidou com a situação, falou em me levar a igrejas, pois eu estava com o demônio no corpo, e ela nem era evangélica, lembro dela me dizer: “você acha que eu também nunca senti essas coisas? Mas você não pode se deixar levar pelo instinto, isso não é algo natural e ninguém aceita isso.” Porém eu não entendia, instinto não natural? Como algo assim pode existir? E por que alguém precisa aceitar ou não com quem eu me deito além de mim e da pessoa que comigo deseja se deitar?

Após vários momentos de conflito, resolvi sair de casa, fui morar com a família de um amigo meu, entretanto, pouco depois, minha mãe descobriu estar com câncer no intestino e, na necessidade, eu fui chamado a voltar pra casa. Acompanhei seu tratamento por dois longos anos de sofrimento, por ela estar naquela situação e por saber que ela não me aceitava. O tratamento incluiu quimioterapia, radioterapia e cirurgias para retirada do tumor, porém ele já tinha se espalhado e chegou ao cérebro (metástase), a levando à morte dois meses depois de ser internada no hospital.

Após seu falecimento, saí pelo mundo, sofri bastante por não saber elaborar a perda, então eu apenas fugia, isso me fazia não completar nada que iniciava e me jogar em relacionamentos fadados ao insucesso por falta de amadurecimento emocional, apenas como válvula de escape para compensar as minhas necessidades afetivas. Porém me sentia diferente, acreditava ser lésbica, porém não me sentia mulher, essa classe abstrata da qual eu não conseguia o sentimento de pertencimento, apesar de ter aprendido a lidar melhor com o meu próprio corpo por causa de minhas relações com elas, mas por mais que eu tentasse, não era eu.

Assim, o *pensamento hétero* continua a afirmar que é o incesto, e não a homossexualidade, o seu maior tabu. Assim, pelo *pensamento hétero*, a homossexualidade não passa de



heterossexualidade. Sim, a sociedade hétero está baseada na necessidade, a todos os níveis, do diferente/outro. Não pode funcionar economicamente, simbolicamente, linguisticamente ou politicamente sem este conceito. Esta necessidade do diferente/outro é uma necessidade ontológica para todo o aglomerado de ciências e disciplinas a que chamo o *pensamento hétero*. Mas o que é o diferente/outro senão a(o) dominada(o)? A sociedade heterossexual é a sociedade que não oprime apenas lésbicas e homossexuais, ela oprime muitos diferentes/outros, oprime todas as mulheres e muitas categorias de homens, todas e todos que estão na posição de serem dominadas(os). Constituir uma diferença e controlá-la é um *ato de poder*, uma vez que é essencialmente um ato normativo. Todos tentam mostrar o outro como diferente. Mas nem todos conseguem ter sucesso a fazê-lo. Tem que se ser socialmente dominante para se ter sucesso a fazê-lo. (WITTIG, 1978)

Utilizo essa citação para exemplificar o que disse anteriormente sobre a questão do pertencimento dentro da heteronorma, colocado dessa forma, dá pra entender que a heterossexualidade (binarismo) é o conceito base da sociedade patriarcal e o primeiro tabu da humanidade, pois até o incesto subentende essa sexualidade baseada na diferença/dominação binária. Dessa forma, dá pra entender a cisgeneridade como um conceito de ideal binário dentro da própria heterossexualidade, pois se levarmos ao pé da letra o seu conceito, nenhum de nós é realmente cisgênero, pois ninguém consegue performar os conceitos de masculino ou feminino de forma perfeita.

Porém, não é possível descartar a cisgeneridade enquanto cis-tema, nesse caso o cisgênero seria o indivíduo não-trans e, apesar de isso também sustentar o binarismo enquanto cis-tema, não é possível abrir mão dele dentro da sociedade, pois os privilégios são demarcados dessa forma, os que os possuem desaparecem e apenas os diferentes/outros são categorizados e identificados, passando assim o sujeito de privilégios como universal.



Os gêneros não se definem exclusivamente por características biológicas e sexuais, ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem em âmbito cultural, social e histórico, assim, os elementos biológicos não formam a base das identidades gênero. (FREITAS; CHAVES, 2016)

Gênero e sexo são culturais, na verdade não há no humano uma natureza separada da cultura, a cultura é a própria natureza humana; ao colocar a afirmação acima, as autoras nos dizem que apesar de termos características materiais ou biológicas, anatomicamente diferentes, ser homem ou mulher independe delas, apesar da heteronormatividade colocar o genital como base de construção do estereótipo de gênero, dessa forma conseguimos entender as violências com pessoas que fogem a essa norma e a impossibilidade de sua existência dentro desse cis-tema.

A noção de que pode haver uma ‘verdade’ do sexo, como Foucault a denomina ironicamente, é produzida precisamente pelas práticas reguladoras que geram identidades coerentes. A heterossexualidade do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre ‘feminino’ e ‘masculino’, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de ‘macho’ e de ‘fêmea’. A matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de ‘identidade’ não possam ‘existir’ - isto é, aqueles em que o gênero não decorre do sexo e aqueles em que as práticas do desejo não ‘decorrem’ nem do ‘sexo’ nem do ‘gênero’. (BUTLER, 2017)

Essa citação de Butler resume o que eu havia dito sobre a heteronormatividade e suas consequências em sujeitos e corpos desviantes. Assim, eu pude me entender enquanto sujeito em dissidência de gênero, pois sempre me senti a parte desse binarismo de gênero, onde eu consigo chegar mais próximo da vivência masculina do que da feminina, sendo, portanto, um trans homem não binário, por entender que o binarismo de gênero é muito pobre em conceitos para explicar a diversidade humana.





Para chegar nesse ponto, passei por “N” vivências e situações, em relacionamentos e na vida, apesar de performar a feminilidade, não me sentia um ser humano autêntico, conheci a definição de homens trans em 2015 apenas, não existia essa possibilidade antes pra mim, e quando eu passei a conhecer através de canais do YouTube, lembro do medo e da curiosidade, cada vídeo eu me identificava mais e ficava mais confuso, entretanto eu entendia aquilo como uma impossibilidade pra mim aos trinta anos de vida, como poderia dizer que não sou mais lésbica?

O medo de não ser aceito, a ideologia heteronormativa em minha mente dizendo que aquilo não era certo, a falta de conhecimento e de pessoas com as quais eu pudesse conversar ou me identificar me paralisavam. Foi quando, em 2016, passei no curso de Gênero e Diversidade da UFBA, eu que só queria ser psicólogo e não me via fazendo mais nada na vida além disso, me vi diante de um mundo novo, um mundo onde minhas estruturas foram completamente abaladas e eu precisei me desconstruir pra me entender e aceitar, mas que me fez ver que o que estava errado era a minha perspectiva e não a minha essência.

Através desse curso me compreendi melhor, não apenas por causa das aulas e das leituras, mas também por causa das pessoas e das trocas que fizemos, acredito que todos nos beneficiamos dessas trocas, pude entender o meu privilégio enquanto branco e rever certas opiniões baseadas em conceitos equivocados e desconhecimento de vivências e me desconstruir. Hoje entendo a importância dos movimentos feministas e sua diversidade e acredito na união de nossas pautas enquanto pessoas LGBTI+ com a das mulheres, pois todos somos afetados pelo machismo e misoginia em maior ou menor escala e também não estamos isentos de reproduzi-los.

Após me conhecer melhor, pude finalmente me aceitar enquanto uma pessoa trans e acolher o masculino que sempre se sobressaiu em mim, respeitando a minha vivência feminina anterior e a deixando descansar dentro de mim. Durante toda minha vida me cobrei pra ser o mais feminino possível, mesmo não conseguindo, mas finalmente eu pude deixar a minha parte feminina descansar, mas sempre irei honrá-la por tudo que aprendi na tentativa.

### **Referências**

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. Tradução de Sérgio Milliet. ed. Nova Fronteira, 3 edição, Rio de Janeiro, 2016.



BUTLER, Judith. Problemas de gênero: Feminismo e subversão de identidade, ed. Coleção Brasileira, Rio de Janeiro, 2017.

WITTIG, Monique. Não se nasce mulher. *Feminists Issues* 1 2 (Inverno 1981).

\_\_\_\_\_. O pensamento Hétero. Texto lido em New York, na Modern Language Association Convention, 1978.

<[http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/filosofia/existencialismo.htm#disqus\\_thread](http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/filosofia/existencialismo.htm#disqus_thread)>

<<http://timmsouza.blogspot.com.br/2013/01/a-questao-do-humano-em-simone-de.html>>

<<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R0049-3.pdf>>